

# Demanda no Brasil cresce ao ritmo dos principais países emergentes...

*...mas não impulsiona a produção industrial. O crescimento da demanda interna é atendido, principalmente, com aumento de importações.*

A economia brasileira apresenta neste início de 2007 um padrão de crescimento peculiar, marcado por três características principais:

- a demanda interna cresce a um ritmo muito superior ao da produção;
- a contribuição líquida do setor externo na variação do PIB é fortemente negativa ;
- a indústria não acompanha o ritmo de expansão da demanda interna e cresce menos que a média da economia.

No primeiro trimestre de 2007, o PIB brasileiro expandiu-se 4,3%, relativamente ao primeiro trimestre de 2006. A demanda interna – composta pelo consumo das famílias, pelo consumo do governo e pela formação bruta de capital – liderou o crescimento: expandiu-se 5,8% nesse período.

O crescimento da demanda em 2007 impressiona, em primeiro lugar, porque é a maior taxa de expansão desde 1994, quando do lançamento do Plano Real. Em segundo lugar, porque é um ritmo quatro vezes superior à média de crescimento da primeira metade desta década.

Dos fatores que estimulam a demanda no Brasil, três se destacam: o aumento das transferências de renda do governo à população; a ampliação da massa real de salários; e a expansão do crédito.

Entre os programas de transferência de renda à população, ressalte-se que os pagamentos do Bolsa-Família ampliaram-se 23,0%, em termos reais, nos primeiros cinco meses de 2007, comparativamente ao mesmo período de 2006. Também os desembolsos por conta da Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS – ampliaram-se 18,9%, em termos reais, nesse mesmo período.

A massa real de salários nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil aumentou 7,8% na média dos cinco primeiros meses de 2007, comparativamente ao mesmo período de 2006 (PME/IBGE). No mesmo período, o total de remunerações pagas aos trabalhadores da indústria de transformação elevou-se, em termos reais, 5,5% (CNI). O aumento da

massa real de salários é beneficiado tanto pelo crescimento do emprego como por ganhos reais nos salários.

A combinação de queda das taxas de juros e aumento nos prazos de financiamento estimulou a expansão do crédito. O saldo de operações de crédito com recursos livres registrou crescimento de 23,4% entre maio de 2007 e maio de 2006.

## Demanda interna cresce 5,8% a.a. e aproxima-se do ritmo das principais economias emergentes

Em 2007, a demanda interna amplia-se a um ritmo de 5,8% a.a. e aproxima-se do crescimento médio da demanda dos principais países emergentes na primeira metade desta década. Entre 2001 e 2005, a demanda na Rússia expandiu-se 6,7% ao ano. Na Índia, a expansão foi de 6,9% ao ano. O crescimento da demanda brasileira só está muito aquém da média chinesa, que cresce quase 10% ao ano.

*Em 2007, a taxa de crescimento da demanda no Brasil aproximou-se da taxa média dos países emergentes na primeira metade desta década.*

*O ritmo de expansão do investimento alterou-se profundamente: a estabilidade observada na primeira metade desta década foi trocada, no biênio 2006/2007, por um ritmo de expansão similar ao da Rússia ou do Chile.*

**Demanda interna**  
variação (%) anual

Período	Brasil	Chile	China	Índia	Rússia
2001	0,5	3,7	8,3	5,4	12,3
2002	0,2	1,2	8,7	3,8	5,2
2003	-0,5	2,0	10,0	8,8	6,7
2004	5,2	0,9	10,1	9,7	5,1
2005	2,5	6,4	9,9		4,3
<b>média 2001/2005</b>	<b>1,5</b>	<b>2,8</b>	<b>9,4</b>	<b>6,9</b>	<b>6,7</b>
2006	5,1				
<b>*2007</b>	<b>5,8</b>				

\* 1º trim. 2007 / 1º trim. 2006

**Componentes da demanda interna**  
variação (%) anual

Componente	Período	Brasil	Chile	China	Índia	Rússia
<b>Consumo</b> (das famílias e do governo)	<b>média 2001/2005</b>	2,3	2,2	6,8	5,6	7,9
	2006	4,2				
	<b>2007*</b>	<b>5,5</b>				
<b>Investimento</b>	<b>média 2001/2005</b>	0,5	5,8	13,8	10,0	7,3
	2006	8,7				
	<b>2007*</b>	<b>7,2</b>				

\* 1º trim. 2007 / 1º trim. 2006

Fonte: International Financial Statistics/FMI | Elaboração: CNI

Também na composição da demanda interna (consumo e investimento), ressaltam-se algumas mudanças positivas na economia brasileira:

- Diferente da primeira metade desta década, o investimento passou a se expandir mais rápido que o consumo (das famílias e do governo).

Em 2006, o investimento cresceu 8,7% e liderou o crescimento da demanda. A demanda cresceu em ritmo menor, de 4,2%. Essa composição do crescimento da demanda interna persiste em 2007. O investimento cresceu 7,2% no primeiro trimestre do ano, comparativamente ao igual período de 2006, enquanto o consumo ampliou-se 5,5%.

- b) A taxa de crescimento do consumo no Brasil no biênio 2006/2007 se aproxima da taxa observada nos países emergentes mais dinâmicos (China, Índia, Rússia) na primeira metade desta década.

Na primeira metade desta década, o consumo expandiu-se, em média, 2,3% ao ano, menos da metade da taxa observada nos principais países emergentes.

Já em 2006 e em 2007, o consumo cresceu significativamente, igualando-se à taxa de expansão do consumo da Índia, por exemplo, na primeira metade desta década.

- c) O ritmo de expansão do investimento alterou-se profundamente: a estabilidade observada na primeira metade desta década foi trocada, no biênio 2006/2007, por um ritmo de expansão similar ao de países emergentes importantes como Rússia ou Chile.

Na primeira metade desta década, o investimento cresceu apenas 0,5% ao ano. No mesmo período, o investimento no Chile cresceu 5,8% ao ano, na Rússia, 7,3% ao ano, na Índia, 10,0% ao ano e na China, 13,8% ao ano. No biênio 2006/2007, a formação bruta de capital fixo expandiu-se a uma taxa média de 8,0% ao ano e se aproxima das taxas observadas nos principais países emergentes.

A expansão da demanda interna liderada pelo crescimento dos investimentos é um aspecto muito positivo do atual padrão de crescimento econômico. Não obstante, o crescimento da demanda interna no Brasil não impulsionou – pelo menos não com a mesma intensidade – o crescimento do PIB. A taxa de variação média do PIB da Índia ou da Rússia na primeira metade desta década foi 50% maior do que a expansão do PIB do Brasil em 2007.

**PIB**  
variação (%) anual

Período	Brasil	Chile	China	Índia	Rússia
2001	1,3	3,4	8,3	5,3	5,6
2002	2,7	2,2	9,1	3,6	3,8
2003	1,1	3,9	10,0	8,4	8,1
2004	5,7	6,2	10,1	8,8	6,9
2005	2,9	6,3	10,2		6,5
média 2001/2005	<b>2,7</b>	<b>4,4</b>	<b>9,5</b>	<b>6,5</b>	<b>6,2</b>
2006	3,7				
*2007	<b>4,3</b>				

\* 1º trim. 2007 / 1º trim. 2006

*Apesar do crescimento da demanda interna, a taxa de crescimento do PIB brasileiro em 2006 e 2007 é significativamente menor do que a taxa dos principais países emergentes na primeira metade desta década.*

Fonte: International Financial Statistics/FMI | Elaboração: CNI

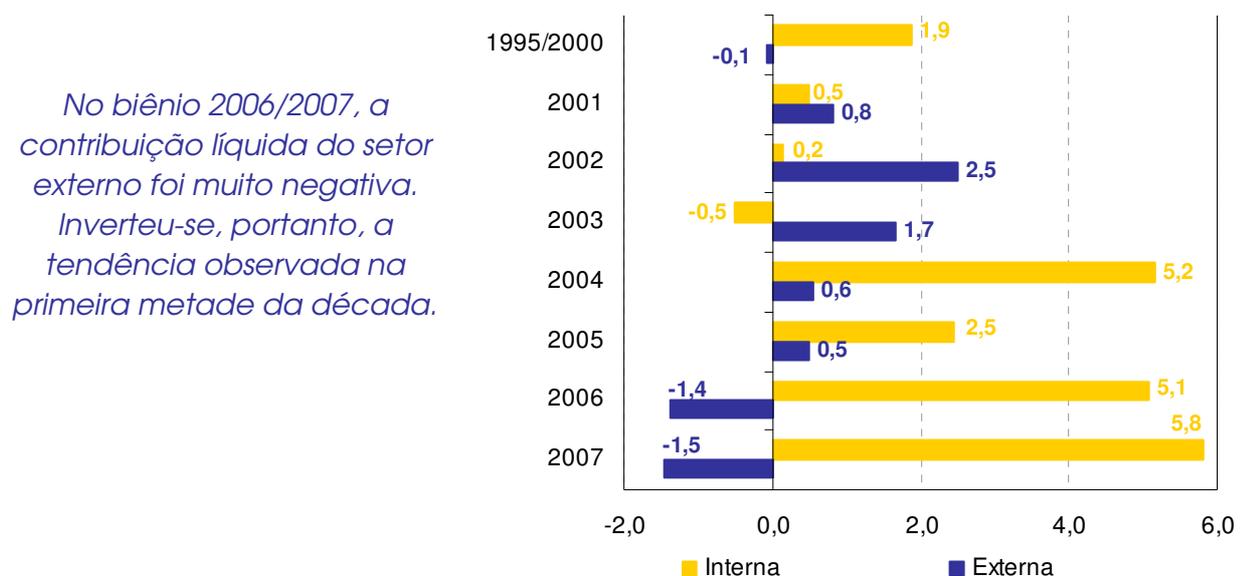
## Setor externo tem contribuição negativa de 1,5 p.p. ao crescimento do PIB

O crescimento menos intenso do PIB, relativamente à demanda interna, decorre do comportamento da contribuição líquida do setor externo (exportações menos importações), que foi negativa em 2006 e permanece negativa em 2007.

O volume de exportações de bens e serviços no Brasil cresceu 5,9% na comparação entre os primeiros trimestres de 2007 e de 2006 e contribuiu com 0,87 ponto percentual (p.p.) na formação da taxa de crescimento do PIB. Em contrapartida, as importações de bens e serviços aumentaram 19,9% nesse mesmo período e contribuíram para reduzir a taxa de crescimento do PIB em 2,34 pontos percentuais. Ou seja, a contribuição líquida do setor externo na taxa de variação do PIB foi negativa em 1,5 ponto percentual. Em apenas uma ocasião nas duas últimas décadas – em 1995 – a contribuição líquida do setor externo foi tão negativa para a formação da taxa de variação do PIB.

Contribuições negativas do setor externo ao PIB foram recorrentes na segunda metade da década de 90, quando ainda vigia o regime de câmbio fixo. Mas é novidade para o Brasil desde que se adotou o regime de câmbio flutuante, em 1999. O usual nesta década era exatamente o oposto, com as exportações líquidas contribuindo pesadamente para o crescimento econômico. Em 2002 e 2003, por exemplo, os saldos das exportações líquidas elevaram a taxa de crescimento do PIB em 2,5 e 1,7 pontos percentuais, respectivamente.

**Contribuições externa e interna na formação do PIB (em pontos percentuais)**



Fonte: Contas Nacionais      Elaboração: CNI

Em 2006, a composição do crescimento foi bastante distinta dos anos anteriores. Nessa composição, que parece repetir-se e intensificar-se em 2007, combinam-se dois fatores: de um lado, a demanda interna expande-se a taxas recordes nesta década,

impulsionando o crescimento da produção e, de outro lado, a contribuição líquida do setor externo drena parte desse crescimento, o que restringe uma expansão mais intensa do PIB.

## Demanda se expande no Brasil, mas não impulsiona a indústria

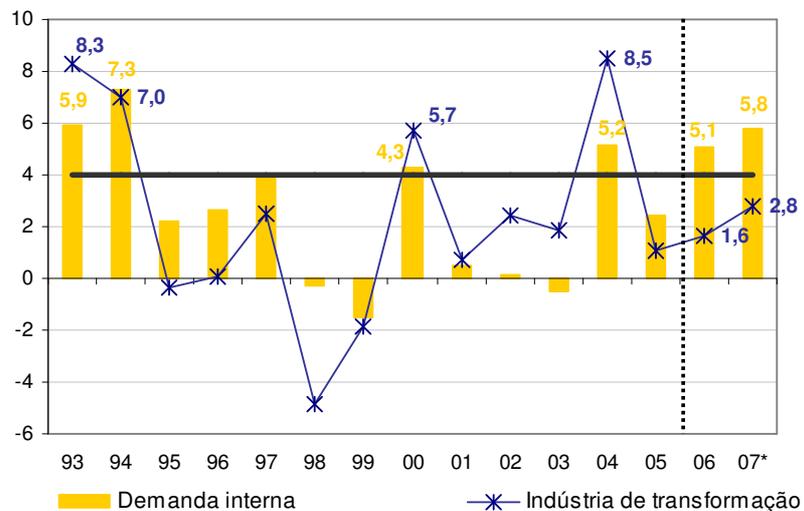
Outra característica da atividade econômica neste biênio 2006/2007 é o baixo dinamismo da atividade industrial, num cenário de forte aquecimento da demanda.

Historicamente, a indústria de transformação lidera o crescimento do PIB em períodos de expansão significativa da demanda interna. Em cinco ocasiões nos últimos quinze anos – 1993, 1994, 2000, 2004 e 2006 – a demanda interna expandiu-se a um ritmo superior a 4,0%. Nesses anos, exceto em 2006, a indústria de transformação cresceu tanto ou mais que a demanda interna.

Em 2006, pelo contrário, a indústria de transformação cresceu apenas 1,6%, enquanto a demanda interna expandiu-se 5,1%. O cenário não se alterou em 2007. A produção na indústria de transformação cresceu 2,8% (na comparação entre os primeiros trimestres de 2007 e de 2006), enquanto a demanda interna cresceu 5,8%.

O aumento da demanda interna vem sendo atendido, cada vez menos, pela expansão da produção interna e, cada vez mais, pelo crescimento das importações. Tanto em 2006, como em 2007, o volume importado de bens e serviços no Brasil expandiu-se a um ritmo três vezes superior ao da demanda interna. A indústria de transformação, por sua vez, cresce a um ritmo que é menos da metade da taxa de crescimento da demanda interna.

**Demanda interna e indústria de transformação:**  
Variação anual (%)



*Historicamente, quando a demanda cresce mais de 4% ao ano, a indústria lidera o crescimento. Mas não foi o que ocorreu em 2006 e 2007.*

\* 1º trimestre

Fonte: Contas Nacionais/IBGE

Elaboração: CNI

Essa peculiaridade do crescimento do PIB está associada, em grande parte, à perda de competitividade do produto brasileiro, frente aos competidores internacionais. Entre as razões que levaram à perda de competitividade da indústria brasileira nos últimos anos, destaca-se a expressiva valorização do real nos últimos três anos.

## **Crescimento da demanda no Brasil é atendido, cada vez mais, por aumento das importações**

A produção física da indústria de transformação expandiu-se 4,4% na comparação entre os cinco primeiros meses de 2007 e de 2006. No mesmo período, a quantidade importada de produtos da indústria de transformação ampliou-se a um ritmo cinco vezes maior (22,1%).

Além do ritmo de expansão, o comportamento das duas variáveis – produção e importações – difere, em termos de abrangência dos setores. Enquanto o crescimento das importações é generalizado – abarca todos os setores industriais, à exceção de Equipamentos de informática –, o comportamento da produção industrial caracteriza-se pela heterogeneidade, mesclando setores em expansão e em queda.

Na comparação entre as médias dos cinco primeiros meses de 2007 e de 2006, as importações cresceram em ritmo superior a 40% em dois setores: Máquinas e equipamentos e Têxteis. Embora esses setores tenham em comum o fato de liderarem o *ranking* das importações, as razões que explicam o forte volume de importações são diferentes. No caso de Máquinas e equipamentos, o aumento das importações é acompanhado de aumento na produção interna, que se expandiu 16,5%. As importações são, portanto, complementares à produção. No setor Têxtil, os indícios, porém, são de que as importações atendem, quase que integralmente, a todo aumento de expansão da demanda interna. Essa é a conclusão a que se chega quando se compara a expansão de 45,3% das importações, frente à quase estabilidade da produção interna (o crescimento foi de 1,8% no período).

Quando se confrontam os resultados das importações e da produção, por setores da indústria, é possível agrupá-los em três blocos.

O primeiro bloco é composto por seis setores – Calçados; Madeira; Refino de petróleo e álcool; Edição; Celulose e Papel; e Material eletrônico e de comunicações – em que se observa a combinação de queda da produção industrial e forte expansão do *quantum* importado.

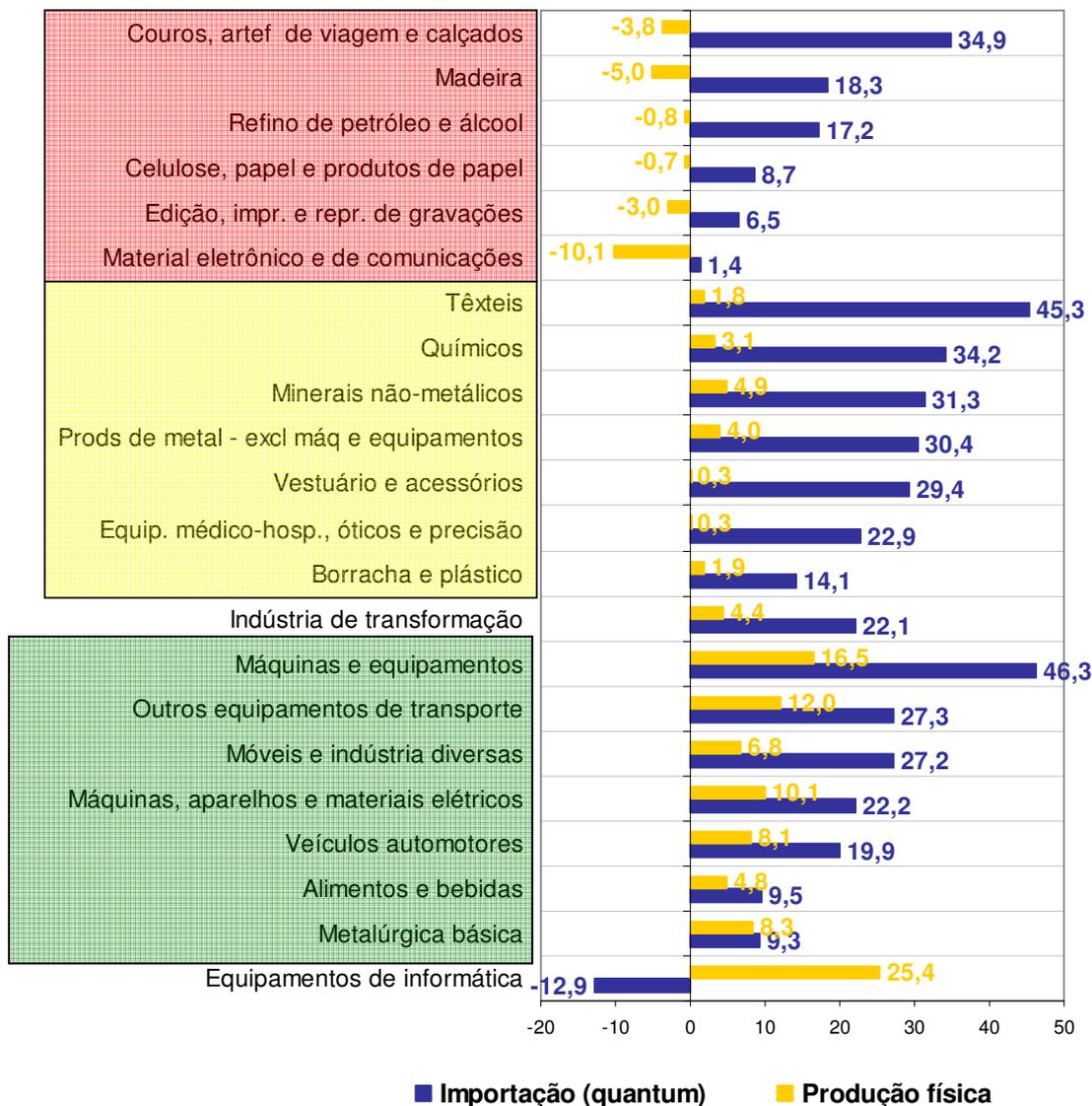
O segundo bloco é composto por sete setores – Têxtil; Químicos; Minerais não-metálicos; Produtos de metal; Vestuário; Equipamentos médico-hospitalar, óticos e de precisão; e Borracha e plástico – em que se observa um ritmo de crescimento das importações pelo

menos cinco vezes maior do que o crescimento da produção. Ou seja, são setores em que a diferença entre os ritmos de crescimento da importação e da produção está acima da média da indústria.

*Para a maior parte dos segmentos industriais, o ritmo de crescimento das importações é muitas vezes superior à expansão da produção industrial*

### Indústria de Transformação: Importação e Produção Física

Jan-Mai 2007 / Jan-Mai 2006 - variação (%)



Fonte: Secex, Funcex e PIM/IBGE      Elaboração: CNI

Para os setores industriais que compõem o primeiro e o segundo blocos é visível a maior penetração de produtos importados. Para os setores que formam esses dois blocos, os indícios de substituição de produtos fabricados no Brasil por produtos importados são mais fortes.

Mas pode haver exceções, como é o caso de Refino de petróleo e álcool. O aumento das importações e a queda da produção interna refletem, em boa medida, a estratégia utilizada no Brasil de exportar petróleo em bruto e importar derivados de petróleo.

O terceiro bloco é formado por sete setores – Máquinas e equipamentos; Outros equipamentos de transporte; Móveis; Máquinas, aparelhos e materiais elétricos; Veículos automotores; Alimentos e bebidas e Metalurgia básica – em que se observa crescimento significativo, tanto da produção como das importações. Embora as importações cresçam a um ritmo significativamente mais intenso que a produção – à exceção de Metalurgia básica –, o que se destaca é a complementaridade do crescimento ou a substituição mais difícil dos produtos nacionais por importados.

Por fim, há o setor de Material para escritório e equipamentos de informática que destoa dos demais, por apresentar queda de 12,9% nas importações e aumento de 25,4% na produção interna. Esse é um caso emblemático, pois mostra a capacidade de reação de um setor a partir de uma medida governamental de desoneração tributária. A Lei do Bem, que reduziu a carga tributária de produtos de informática, contribuiu para alavancar a produção no setor, gerar empregos e aumentar a competitividade do produto nacional frente ao importado.

### **Buscando melhores condições para produzir e competir com os produtos importados**

O que se observa é um avanço expressivo e generalizado das importações, sem contrapartida em um crescimento igualmente forte na produção industrial brasileira. O aumento da demanda vem sendo atendido, cada vez mais, por produtos importados, beneficiados pela valorização do real.

A taxa de câmbio apresenta-se atualmente como uma das grandes fontes de perda de competitividade dos produtos fabricados no Brasil. Não há perspectiva de que essa trajetória de valorização se reverta. Ela é fruto das melhores condições econômicas do Brasil, da superação da fragilidade das contas externas, do controle da inflação e da maior atratividade dos ativos brasileiros, entre outros fatores.

A valorização do real encareceu os produtos brasileiros, relativamente aos importados. Nesse contexto, torna-se imprescindível que se promova a redução dos custos de produção no Brasil, como forma de contrabalançar a perda de competitividade provocada pela taxa de câmbio.

Para competir com produtos importados, o Brasil necessita insistir em reformas que levem à expansão do investimento, à redução dos impostos sobre a produção e sobre a folha



---

de pagamentos, e à melhora do ambiente de negócios, com ênfase na redução da burocracia. Trata-se, enfim, de uma agenda de estímulo à produção no Brasil.

---

Confederação Nacional da Indústria  
Setor Bancário Norte - Quadra 1  
  
Bloco C - Edifício Roberto Simonsen  
  
70.040-903 – Brasília – DF

<http://www.cni.org.br>  
Esta é uma publicação da Unidade de  
Política Econômica  
Autoria: Paulo Mol Júnior  
Coordenação: Flávio Castelo Branco  
Tel: (61) 3317-9470

---